

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Eduardo Santiesteban Castellanos

O TEMPO EM SANTO AGOSTINHO

Passo Fundo

2021

Eduardo Santiesteban Castellanos

## O tempo em Santo Agostinho

Monografia apresentada ao curso de Filosofia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, sob orientação do prof. Dr. Gerson Luís Trombetta.

Passo Fundo

2021

Eduardo Santiesteban Castellanos

## O tempo em Santo Agostinho

Monografia apresentada ao curso de Filosofia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, sob orientação do prof. Dr. Gerson Luís Trombetta.

Aprovada em 13 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Ketzer

Prof. Dr. Miguel da Silva Rossetto

## RESUMO

“Não houve, portanto, um tempo em que nada fizeste porque o próprio tempo foi feito por ti. É não há um tempo eterno contigo, porque tu és estável, e se o tempo fosse estável não seria tempo”. (AGOSTINHO, 2016, p. 338) Com estas palavras Agostinho em seu livro das Confissões capítulo XI nos fala do tempo e a estreita relação com Deus. O tempo em Santo Agostinho e sua teoria de criação divina é o ponto principal deste trabalho. Santo Agostinho (354-430) foi filósofo, escritor, bispo e importante teólogo cristão do norte da África durante a dominação romana. Santo Agostinho teve importante influência do maniqueísmo, sistema religioso que une elementos cristãos e pagãos. Santo Agostinho desenvolve a sua filosofia em tempos muito difíceis com a presença de muitas correntes heréticas. O filósofo escreve no tempo em que a doutrina cristã estava em sua origem e em expansão por todo mundo até aquele momento conhecido. A ideia de criação do mundo defendida por Santo Agostinho demonstra a influência da filosofia neoplatônica e, por conseguinte a cristã, tudo baseado em uma de suas mais importantes obras, *Confissões*, mais especificamente o capítulo XI: “*Meditação sobre o Primeiro Versículo do Gênesis: No Princípio, Deus Criou...*”. Neste trabalho dedicaremos um capítulo ao contexto da questão do tempo na obra do Bispo de Hipona, mais adiante, no segundo capítulo falaremos sobre o conceito da criação em Santo Agostinho, a criação *ex nihilo*. Para finalizar, no terceiro capítulo analisaremos os conceitos de tempo e Eternidade e as divisões do tempo.

**Palavras-chave:** Tempo. Eternidade. Santo Agostinho.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	6
<b>1 A VIDA E O CONTEXTO DA QUESTÃO DO TEMPO NA OBRA DE SANTO AGOSTINHO DE HIPONA</b>	8
1.1 A vida e a obra de Santo Agostinho	8
1.2 O tempo	14
<b>2 A RELAÇÃO ENTRE TEMPO E ETERNIDADE NA FILOSOFIA DE AGOSTINHO DE HIPONA</b>	18
2.1 A criação ex nihilo	19
2.2 A relação entre tempo e eternidade	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	37
<b>Referências</b>	39

## INTRODUÇÃO

O tempo tem sido um dos maiores problemas filosóficos na história da filosofia. Para Platão, existe uma lenda do eterno retorno, onde o tempo era um movimento circular e assim aquilo que acontecia no passado era repetido e voltava novamente. Outro grande filósofo da antiguidade, Aristóteles, na física, colocava algumas situações à existência do tempo. Para ele, o tempo não poderia existir, já que nenhuma de suas partes existe. E assim sucessivamente muitos filósofos falaram do tempo, dividindo-o em presente, passado e futuro.

Nos dias de hoje, o fator *tempo* continua em voga. O mundo moderno e civilizado está marcado e regido por uma determinada noção de tempo. Em vista disso é que se faz importante esta pesquisa para os dias atuais. A sociedade moderna, depois da revolução industrial, é uma sociedade escrava do tempo, para poder produzir mais. Esta época também é marcada por uma vida agitada, estressada e dependente do tempo, e nos perguntamos quase todos os dias se chegaremos a tempo ou não a um determinado compromisso, lugar ou trabalho. Todas estas perguntas têm relação com o tempo em Santo Agostinho, tema que ele tem presente em sua obra *Confissões*.

No decorrer da história da filosofia, muitos pensadores falaram e escreveram acerca do tempo, da memória e da alma, porém no século V surge um homem que mudaria toda a estrutura e rumo da filosofia no que refere-se aos conceitos supracitados acima (ARAÚJO, 2015, p. 2).

A doutrina de Santo Agostinho foi elemento chave para o mundo filosófico e também para toda a Cristandade, já que sua conversão à Igreja Católica marcaria o modo de pensar característico dela, levando a igreja ao neoplatonismo, ou seja, resgatando o pensamento de Platão, sendo este um momento importante dentro da Igreja Católica assediada por tantas heresias. É, também, considerado um dos pais da igreja pertencendo ao grupo dos Santos Padres e sendo um dos mais importantes desse seleto grupo.

De fato, falando sem nenhum favor, a metafísica agostiniana amadureceu a própria ontologia e gnosiologia platônica e neoplatônica em muitos pontos: “substancialmente, porém, a construção de Agostinho é imponente e segura e, em muitos aspectos, supera a de Platão e a dos neoplatônicos” (VAZ, 2009, p. 32).

Santo Agostinho bebeu da fonte de Platão através de Plotino, porém ele ultrapassa a compreensão destes dois grandes filósofos da antiguidade. Agostinho foi um grande pensador que transpassou os limites do tempo e fez uma contribuição muito importante para a cultura ocidental sendo modelo para muitos pensadores e filósofos da modernidade e da contemporaneidade, sendo considerado por muitos como “o mestre do ocidente”.

O neoplatonismo de Agostinho foi de vital importância para a filosofia que o santo depois desenvolveria com características únicas ao vincular o platonismo ao cristianismo. “Agostinho insistiria nessa linha de pensamento. Em poucos meses de leitura dos textos platônicos, descrevê-la-ia a Nebrídio como argumento excepcionalmente conhecido” (BROWN, 2005, p. 115). A imensa biografia do santo de Hipona só é comparada com a extensa biografia também de Platão, considerado como filósofo das ideias e como um dos principais pensadores da história da filosofia, para o mundo filosófico atual e de todos os tempos.

O tempo é um enigmático problema, ou como diz Agostinho, um “*implicatissimum aenigma*” (cf. *Conf.*, XI, 22, 28), difícil de ser explicado pela razão humana. Na realidade, o tempo está fora de nosso alcance e compressão. É, na verdade, um mistério. Santo Agostinho ousa uma resposta, a qual é considerada como uma das mais brilhantes acerca do tempo na história da filosofia.

O que é realmente o tempo? Quem poderia explicá-lo de modo fácil e breve? Quem poderia captar o seu conceito para exprimi-lo em palavras? No entanto, que assunto mais familiar e mais conhecido em nossas conversações? Sem dúvida, nós o compreendemos quando dele falamos, e compreendemos também o que nos dizem quando nos falam. Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei, porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei (AGOSTINHO, 2016, p. 338).

Com essa famosa afirmação, no centro do Livro XI de suas Confissões, Santo Agostinho inicia uma interrogação filosófica que marca, até hoje, a reflexão ocidental sobre memória, tempo e história. Para Santo Agostinho, o tempo foi um enigma, um mistério como antes falava, mas ele consegue dar uma resposta, não só para este tema como também para a beatitude, tema a ser desenvolvido mais adiante.

A resposta de Santo Agostinho à questão do tempo implica primeiramente: a criação do mundo e a pergunta “o que Deus fazia antes de criar o mundo”? Discussão entre tempo e eternidade e o pensamento maniqueísta, que foi influente em sua formação filosófica. Este trabalho divide-se em três partes: a primeira apresenta aspectos da vida de Santo Agostinho, a

segunda trata sobre a criação *ex nihilo* e a terceira aborda a discussão sobre o tempo e a eternidade.

## **1 A VIDA E O CONTEXTO DA QUESTÃO DO TEMPO NA OBRA DE SANTO AGOSTINHO DE HIPONA**

### **1.1 A vida e a obra de Santo Agostinho**

Neste primeiro capítulo apresento uma visão da vida e obra de Santo Agostinho e sua importante relação com sua mãe, seus primeiros passos no mundo da filosofia especificamente com a seita dos maniqueístas e seus primeiros contatos com o neoplatonismo e a importância de Santo Ambrósio no desenvolvimento de sua filosofia. Faz-se aqui um apanhado geral da visão do tempo na obra de Platão e suas principais influências na concepção do tempo para Santo Agostinho expressa no livro intitulado *Confissões*.

Não se pode falar da filosofia da Idade Média e do começo do cristianismo sem falar de um de seus maiores expoentes, Santo Agostinho. Ele foi filósofo, escritor, Bispo e teólogo cristão do norte da África e influenciou toda a filosofia cristã. Foi, também, influência de sua época, marcada por disputas no quesito de ideias e religiões e seus escritos marcaram o mundo naquele momento e, também, o futuro da humanidade.

Santo Agostinho nasceu em Tagaste, hoje no norte da África, no ano 354. Seu pai era pagão e sua mãe, Mônica, cristã devota, de firme fé, que apresentava as verdades do cristianismo para Santo Agostinho, Mônica exerceu grande influência sobre a conversão do filho.

Poucas mães conseguem sobreviver a nos seres apresentadas exclusivamente em termos do que passaram a significar para seus filhos, e muito menos para um filho tão complexo quanto Agostinho. A relação entre mãe e filho que permeia as *Confissões* constitui o fio pelo qual o livro é justificadamente famoso. (BROWN, 2005, p. 34)

A relação que existia entre Agostinho e sua Mãe Santa Mônica foi uma relação muito intensa segundo as leituras de sua autobiografia, nos damos conta que a vida do santo era dominada pela mãe. Influência muito positiva para o futuro bispo de Hipona. Agostinho foi criado em uma família cristã tradicionalista. O próprio Agostinho, em seu livro

*Confissões*, nos apresenta sua mãe, Santa Mônica, como uma mulher com grande maturidade e equilibrada que sempre foi sua maior intercessora e que esperava sua volta ao cristianismo.

Santo Agostinho, sua mansidão e sua capacidade profundamente humana de compreensão modelavam-lhe a passionalidade e exuberância púnicas. Conhecedor dos abismos do coração humano contemplou-lhe também as mais sublimes alturas. Seu símbolo é um coração em chamas e o olhar voltado às alturas. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 140)

Santo Agostinho foi um homem que experimentou em sua vida os prazeres, foi conhecendo as profundezas e as nossas limitações enquanto seres humanos em sua própria pele que percebeu que somos imperfeitos, cheios de erros e pensamentos ruins que nos afastam de Deus. Conforme a introdução da obra *Confissões*, “no verão de 369, necessidades domésticas obrigam-no a voltar a Tagaste, onde permanece no ócio durante um ano e se entrega aos prazeres vulgares” (AGOSTINHO, 2016, p. 6). O centro da vida de Santo Agostinho, como a vida dos jovens de seu tempo, foi o teatro e os amores e começa a conviver com uma mulher com a qual tivera um filho chamado Adeodato, no ano de 372. Tudo isto acontece na vida do Agostinho antes de sua conversão ao cristianismo, ele tem uma vida conturbada que não era o que queria sua mãe Santa Mônica. Esta fase foi marcada pela vida sexual e por fornicações que depois levam-no a ter relações com essa mulher, mãe de seu filho, com a qual jamais se casará por preconceitos familiares.

Ao falar de sua relação com essa mulher anônima:

Este problema surge com frequência: quando homem e mulher convivem sem estar legitimamente unidos, não para conceber filhos, mas por não poderem observar a continência, e quando concordam entre si em não manter relações com nenhuma outra pessoa, pode chamar-se isto casamento? (BROW, 2005, p. 8)

“O jovem Agostinho também entra na seita dos maniqueístas fascinado, sobretudo, por sua atitude racionalizante e por sua moral cômoda” (AGOSTINHO, 2016, p. 6). Esta seita que o santo fez parte se opunha ao pensamento da igreja cristã daquela época e como seita tinham ideias fundamentalistas com soluções radicais no tema cristão. “*Itaque incidi in homines superbe delirante...*”<sup>1</sup>, então cai entre homens orgulhosamente apaixonados (BOEHNER, 2012, p. 143). O sentido racionalista do santo de Hipona, sentia-se melhor com maniqueus que com os cristãos e devido ao materialismo da seita. E sendo também um dos

---

<sup>1</sup> Conforme o original: “*taque incidi in homines superbe delirante...*”

principais erros do santo nesta etapa de sua vida. Quando Agostinho abraça o maniqueísmo ele pensa ter encontrado a salvação, e também, o pensamento cristão, já que a seita era uma mistura de racionalismo e materialismo e outras ideias heréticas. Os maniqueístas, escreve Agostinho, afirmaram “a existência de dois princípios diversos e adversos entre si, mas, ao mesmo tempo, eternos e coeternos” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 430).

“E, no entanto, quando queria pensar no meu Deus, só sabia representá-lo sob a forma de massa corpórea. E esta era a principal e, talvez, a causa única do meu erro.”<sup>2</sup> A raiz mais profunda de todos seus erros era seu próprio orgulho. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 144).

Agostinho foi ouvinte entre os maniqueus por cerca de nove anos, não poderia ter encontrado sua sabedoria num grupo mais extremado de homens. Os maniqueus eram uma seita de reputação sinistra. Eram ilegais e mais tarde selvagemmente perseguidos (BROWN, 2005, p. 57).

Aderiu, pois ao racionalismo gentio cristão dos maniqueus, que menosprezavam os simples fiéis e prometiam aos seus adeptos um saber de ordem superior, bem como prova cabal da verdade: “E foi precisamente a magia desta palavra Verdade que o seduziu”<sup>3</sup>. Santo Agostinho se encontrava em um momento muito contrariado consigo mesmo e estava na procura da verdade, ele se sentia desorientado quando se encontra com a verdade apresentada pela seita maniqueísta. (BOEHNER; GILSON, 2012).

“Os maniqueístas, entretanto, haviam transformado a Agostinho num metafísico tenaz, se bem com pouca leitura” (BROWN, 2005, p. 108). A metafísica, em conjunto com a ideia de Deus que ele tem, são os principais conceitos os quais ele vai utilizar durante toda sua obra. Os maniqueístas haviam oferecido a Agostinho uma sabedoria “pronta”. Mas agora ele começava a apreciar os grandes atrativos de uma vida inteira de disciplina filosófica, passada na modesta rejeição das opiniões falsas” (BROWN, 2005, p. 96). O maniqueísmo, por ser uma seita religiosa, tenta explicar a realidade por uma via puramente racional e materialista, para o maniqueísmo o mundo e o universo se movem através de duas forças originárias primordiais, o bem e o mal.

---

<sup>2</sup> Conforme o original: “*Et quoniam cum Deo meo cogitare vellem, cogitare nisi moles corporum non poteram, neque enim videbatur mihi esse quidquam quod tale non esset, ea máxima et prole sola causa erat inevitabilis erroris mei*”.

<sup>3</sup> Conforme o original: “*et dicebant, veritas et veritas, et multum dicebant eam mihi*”.

“Agostinho se dedica em Tagaste ao ensino da gramática, entre seus alunos encontra-se Alípio que se tornara seu grande amigo. E começa a achar absurdas as doutrinas maniqueístas” (AGOSTINHO, 2016, p. 7). No maniqueísmo o santo se desenvolve como professor e começa a ascender e a questionar aos líderes sobre a verdade, verdade essa que vai se tornar a sua busca incessante.

“Em 382 era chegado o momento de Agostinho mudar-se de Cartago, estava decepcionado com os maniqueístas: afinal eles eram uma seita perseguida que vivia temerosas denúncias” (BROWN, 2005, p. 82). Agostinho, dentro do maniqueísmo, nesse período chega ser um grande professor de retórica que vai ter consciência do que é maniqueísmo para sua vida e pouco a pouco vai querer afastar-se desse mundo onde ele compreende como mentira e doutrina de heresia. “Em 383, Agostinho embarca para Roma, os amigos maniqueus o hospedam e logo lhe obtêm uma cátedra na cidade de Milão lecionando ali de 384 a 386 atravessa nesse período uma crise de ceticismo: a verdade se lhe apresenta como inacessível” (AGOSTINHO, 2016, p. 7).

Em 374, foi para Cartago, considerada uma das grandes cidades da África do império romano cheio dos avanços arquitetônicos para dedicar-se ao ensino da Retórica para os filhos das grandes famílias da cidade. Em 383, seguiu para Roma e foi mestre de eloquência em Milão.

Agostinho tinha todos os motivos para sentir-se deslocado em Milão. Até seu sotaque africano fazia-se notar e Ambrósio era apenas um dentre os muitos homens extremamente cultos que estariam aptos a fazer com que esse provinciano percebesse que suas opiniões anteriores eram infundadas e equivocadas. (BROWN, 2005, p. 108)

Lecionou de 384 a 386 e atravessou uma crise de ceticismo: a verdade se apresenta como inacessível. É atraído pelo neoplatonismo, que lhe agrada, sobretudo pela espiritualidade fundada no desprezo das paixões. De fato, sente agora profunda exigência de libertar-se da escravidão dos sentidos. Em sua ajuda vem a pregação do bispo Ambrósio, a quem começa a ouvir com frequência. Além do mais, Ambrósio interpreta a Sagrada Escritura de maneira aceitável para a mente de Santo Agostinho. Em Óstia, morre a mãe. Os últimos momentos de Mônica são por ele imortalizados no capítulo IX das *Confissões*.

Durante a Vigília Pascal de 387, o bispo Ambrósio administrou o batismo a Santo Agostinho e ao filho Adeodato. “Era bispo desta cidade Ambrósio, muito agradável a Deus e ilustre entre os homens. Agostinho, de pé no meio do povo, assistia imóvel e suspenso de suas

palavras seus frequentes sermões sobre a palavra de Deus, na igreja” (POSSÍDIO, 1997, p. 37). Sem dúvida Santo Ambrósio foi um dos grandes santos doutores da igreja daquele momento que influenciou, de maneira decisiva, a vida e o pensamento de Santo Agostinho. Santo Ambrósio também é considerado um dos grandes exegetas do mundo ocidental já que ele faz uso da interpretação alegórica mais que literal dos textos Bíblicos da maneira dos alexandrinos.

“Ambrósio impressionou a Agostinho, inicialmente, por ser capaz de defender o velho testamento das críticas maniqueístas” (BROWN, 2005, p. 100). O amor a sabedoria e a verdade foi umas das coisas mais importantes que chamou a atenção de Agostinho em Santo Ambrósio. O velho testamento da Bíblia é de vital importância para Igreja já que o mesmo também é sagrada escritura inspirada por Deus e nos serve para uma melhor compreensão do novo testamento. Ademais, no Antigo Testamento tem muitas histórias e outros gêneros literários que nos demonstram o caráter divino do amor de Deus, sua justiça em relação com o povo de Israel.

Tempos depois Agostinho parece haver percebido qual era a chave da atitude de São Ambrósio: notei repetidas vezes, nos sermões de nosso bispo que quando se pensa em Deus, nossos pensamentos não devem deter-se em nenhuma realidade material, nem tampouco no caso da alma que é aquilo que mais se aproxima de Deus no universo (BROWN, 2005, p. 100)

A importância da alma para Santo Ambrósio é outro elemento importante que Santo Agostinho se apropria, em oposição aos pensadores da época, mais materialistas, incluindo os religiosos. Alma está relacionada com o divino, com o sagrado, com Deus, e com a imortalidade, ou seja, com a salvação, elemento muito importante que ele vai desenvolver durante toda sua filosofia. O conceito de Alma é uma criação Grega, cuja evolução nós seguimos a partir de Sócrates que fez dela a essência do homem, Platão fundamenta a sua imortalidade com provas racionais e Plotino, que dela faz uma das três Hipóstases (REALE; ANTISERI, 1990).

Continua falando Agostinho sobre o modo que Santo Ambrósio influenciou suas concepções:

Ambrósio está ocupado, e eu mesmo estou atarefado demais de ler. E, de qualquer modo, onde haveria de encontrar os livros? Quem os possui, ou quando poderei obtê-los? Posso pedi-los emprestados a alguém? Repartamos o tempo, reservemos algumas horas para a salvação de minha alma. Despontou uma grande esperança: a

fé católica não ensinava aquilo que eu supunha e de que levianamente a acusava. (BROWN, 2005, p. 102).

Agostinho inspirou-se em Plotino para o conceito da alma que depois seria a sua Doutrina Agostiniana da iluminação Divina: “Deus é a fonte da luz espiritual que torna as ciências inteligíveis ao pensamento, portanto, Deus é para nosso pensamento o que o sol é para nossa vista; como o sol é fonte da luz, Deus é fonte da verdade” (GILSON, 2010, p. 55). Ele utiliza a metáfora para falar do conceito da alma, comparando Deus com o sol, que é o astro rei para a Terra e para os demais planetas que compõem o sistema solar. Percebe-se a influência neoplatônica em seus escritos e em sua filosofia.

Em Hipona o velho bispo Valério tem necessidade de um padre que ajude no ministério da pregação (isto em 391). Quatro anos depois, é ordenado bispo e sucede a Valério na diocese de Hipona. O seu estilo de vida não sofre alterações: a vida comunitária prossegue como em Tagaste. Muitos são os discípulos que o imitam, e para estes o bispo escreve a *'Regula ad servos Dei'*. Em 28 de agosto de 430, morre com setenta e seis anos. (AGOSTINHO, 2016, p. 8).

Tais homens viam-se como participantes de um renascimento da filosofia. Um século antes se havia redescoberto a doutrina autêntica de Platão: as nuvens se haviam desfeito e este, que era o ensinamento mais refinado e esclarecido da filosofia, pudera reluzir com todo o seu brilho nos textos de Plotino uma alma tão próxima de seu antigo mestre que nele Platão parecia reviver (BROWN, 2005, p. 110).

“Agostinho viu em Plotino um espírito grandioso impessoal, que extraiu o sentido oculto de Platão” (BROWN, 2005, p. 111). O Platão apresentado por Plotino era um Platão bem diferente e com um ensinamento bem mais refinado e com uma maior clareza, vital para Santo Agostinho que estava em busca da verdade de uma doutrina que revivera a sua filosofia que até este preciso momento estava confusa e com dúvidas. Plotino é considerado como a última grande voz da antiguidade Greco-pagã.

Plotino foi um grego egípcio que havia dado aulas em Roma que também foi discípulo de Platão, um homem muito intuitivo e um grande debatedor de temas de filosofia e havia também traduzido os escritos de Platão ao latim. Agostinho olhe-a nos escritos neoplatônicos como “a única cultura filosófica absolutamente verdadeira” (BROWN, 2005, p. 110, grifo do autor).

Pode-se afirmar que Santo Agostinho, chegou à conclusão de que a filosofia apresentada por Platão era compatível com o cristianismo. “Para Ambrósio, os seguidores de Platão eram os aristocratas do pensamento” (BROWN, 2005, p. 112). Este novo movimento que Santo Agostinho aspirava entrar, tinha uma característica muito importante para aquela época, o Latim, onde se dedicariam a tradução de diferentes textos filosóficos da cultura ocidental especialmente de mestres de Atenas e Alexandria. Em momentos que a filosofia tem a mudança da cidade de Atenas para Alexandria, de modo especial para nosso trabalho, à doutrina de Plotino e aceitação do Cristianismo como culto do Império Romano.

Foram umas leituras tão intensas e minuciosas que as ideias de Plotino foram cabalmente absorvidas, digeridas e transformadas por Agostinho. Ambrósio, que também lera Plotino, havia patentemente saqueado esse autor: nos sermões do bispo podemos identificar empréstimos literais do filósofo grego (BROWN, 2005, p. 113).

Agostinho foi um pensador que absorveu o pensamento neoplatônico, principalmente dos escritos de Plotino sem saber falar grego com grande destreza em uma época onde muitos filósofos das grandes universidades se consideravam platônicos. Santo Agostinho escreveu noventa e três tratados em duzentos e trinta e dois livros, cerca de quinhentos sermões e duzentas e dezessete cartas. As *Confissões* foram escritas provavelmente entre 397 e 398 e a sua autobiografia está entre os livros I-IX. No livro X escreve sua posição ética-religiosa. Na terceira parte (os livros XI-XIII) traz o comentário dos primeiros versículos do livro do Gênesis (AGOSTINHO, 2016, p. 10).

## 1.2 O tempo

Como estamos falando neste trabalho, o pensamento de Santo Agostinho, serviria como base às futuras gerações de filósofos do mundo todo e principalmente do mundo ocidental onde ele se desenvolveria, sendo considerado para muitos como o maior nome da Patrística. O tempo é o tema deste trabalho que o santo nos tenta explicar em sua filosofia e de maneira especial em sua obra *Confissões*.

Para ele o tempo se reduz ao impermanente, cujo ser composto de uma sucessão de instantes indivisíveis, permanece alheio, por definição, à imobilidade estável da eternidade divina: “*tempus autem quoniam mutabilitate trascurrit, aeternitati immutabili non potest esse coaeternum*” (GILSON, 2010, p. 365). Ao falar do tempo, Santo Agostinho está nos alertando

de que o mesmo é criado por Deus, por tanto é finito, o tempo ao ser uma criatura tem um começo e um fim. O tempo, mesmo sendo criatura divina, não está ligado à eternidade, sendo assim, não é anterior à criação do mundo, mas é parte integrante da criação, realizada e pensada pelo mesmo Deus criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. O tempo faz parte da criação e está ligado ao movimento.

Continua falando o santo sobre tempo: “compreenderá então que a duração do tempo só será longa porque é composta de muitos movimentos passageiros que não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (AGOSTINHO, 2016, p. 336). Santo Agostinho afirma que existe uma diferença entre tempo e eternidade e que esta última sempre existiu e é permanente por que a mesma se refere a Deus, sendo duas dimensões distintas, mais adiante esclarecemos esta discussão entre tempo e eternidade.

Agostinho não podia encontrar em nenhum dos filósofos a verdade de Cristo crucificado pela remissão dos pecados dos homens, porque segundo a doutrina Cristã, como já recordamos, Deus quis mantê-la oculta aos sábios para revelá-la aos humildes, sendo, portanto, uma verdade que para ser adquirida, requer uma revolução interior, não da razão, mas de fé. (REALE; ANTISERI, 1990)

Com estas palavras Santo Agostinho, demonstra sua humildade e sua conversão ao cristianismo, e reconhece a Cristo como único caminho, como única verdade e como única fonte de vida e salvação. O Santo de Hipona vai procurar em Deus a única e verdadeira felicidade. A Verdade, a Felicidade são temas de vital importância para a filosofia e estão diretamente relacionados com o destino do homem que ele vai desenvolver em sua autobiografia e que tem muita relação com o Tempo e Eternidade.

Agostinho encontrou o que procurava, convenceu-se, de súbito, da existência de uma realidade suprassensível, isto é: de um mundo espiritual, e acima deste, um Deus, Verdade segura e luz imutável (BOEHNER; GILSON, 2012). Sua experiência cética e a metafísica por ele desenvolvida em seu processo de filosofar o levam a constatar na existência essa Verdade inabalável, que depois ele falará que é Deus, apresentado por Jesus.

“Agostinho jamais pensou em divorciar a teoria da prática. Sua filosofia é uma interpretação de sua própria vida. E esta se resume numa busca ininterrupta de Deus” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 151). Deus vai ser o centro da vida do Santo Agostinho, para ele não vai existir outro tema de tão grande importância que seu encontro e busca desse Deus-amor, que ele vai encontrar através da fé e da razão.

Santo Agostinho, como bom filósofo e como homem, vai se questionar de muitas coisas importantes para nossa vida e nosso destino. “Sobretudo o que inquieta a Agostinho é o problema de seu destino, para ele, esta é toda a questão: procurar-se conhecer para saber o que preciso fazer a fim de ser melhor e se possível, a fim de bem ser” (GILSON, 2010, p. 17). O Santo de Hipona reconhece que somente em Deus se encontra a verdadeira felicidade e que por vezes em nossa juventude pensamos que encontramos a felicidade em coisas vãs como a paixão, orgulho e outras vias falsas.

“Ao final, todos nós nos fazemos esta mesma pergunta que o santo nos disse agora: todo o homem quer a felicidade? Mas em que consiste a própria felicidade?” (GILSON, 2010, p. 18). A felicidade se nos apresenta de diferentes formas, para alguns através da fortuna e pensamos que ela nos vai conduzir a verdadeira felicidade e colocamos todo nosso ser nela. “Ora somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é eterno. Aquele que tem Deus é, portanto, o único que teria a felicidade e também, por conseguinte, o desejo de Deus é a única via que nos conduz a beatitude” (GILSON, 2010, p. 18). Santo Agostinho nos faz uma verdadeira confissão de fé quando nos diz que somente em Deus o homem pode encontrar a verdadeira felicidade, segundo Agostinho não existe outro caminho fora de Deus. E encontrando a Deus já encontramos a beatitude.

O Santo de Hipona também nos chama atenção para outra maneira de alcançar a felicidade agora através da sabedoria, mas não qualquer sabedoria, a sabedoria que vem de Deus. Mas que sabedoria é essa? A escritura nos diz: é a sabedoria de Deus. O apóstolo Paulo escreveu que o filho de Deus é Deus e precisamente a sabedoria de Deus. Ora, o filho de Deus é Deus, possui, por isso mesmo, a sabedoria e conseqüentemente, também a beatitude (GILSON, 2010)

Sobre alcançar a beatitude através da verdade, segue Santo Agostinho: “Assim, quem é o filho de Deus? Nós o dissemos: é a verdade. E qual é essa medida que nada engendra, a não ser o pai? Logo, só possui a beatitude aquele que alcança a medida suprema através da verdade” (GILSON, 2010, p. 22). Jesus se apresenta para todos como o Caminho, a Verdade e a Vida, é pela verdade que o santo se apaixona, pela verdade suprema que é Deus, essa verdade que ele tanto procurou desde o começo de sua vida e que não havia podido encontrar e encontra nesse Deus que é família, Deus trindade.

Nosso pensamento não pode estar plenamente satisfeito, nossa vida não pode ser verdadeiramente chamada de vida feliz, a não ser no conhecimento perfeito do Espírito Santo, que nos conduz a verdade, e graças à verdade, na união com medida suprema da qual ela procede: “Espírito, verdade e medida, que são apenas única substância, um só Deus”

(GILSON, 2010, p. 23). Santo Agostinho nos quer chamar atenção de que a verdadeira felicidade não vai ser deste mundo, vai ser encontrada quando nos encontrarmos com Deus que é na realidade a perfeita beatitude.

O santo nos fala que a beatitude é alegria, “aquela só pode ser uma alegria nascida da verdade” (GILSON, 2010, p. 27). A verdadeira felicidade tem que necessariamente estar acompanhada da alegria, mas de uma alegria que vem de Deus e para conseguir essa alegria precisamos encontrar-nos com Deus, possuir a Deus em nossas almas para chegar à beatitude eterna.

## 2 A RELAÇÃO ENTRE TEMPO E ETERNIDADE NA FILOSOFIA DE AGOSTINHO DE HIPONA

Neste capítulo será exposto o pensamento agostiniano demonstrando essa diferenciação e relação que existe entre os termos “tempo” e “eternidade”. A partir disso apresenta-se a sua teoria da criação *ex nihilo*, relacionando-a com outros temas como o livre arbítrio, o mal na criação e a Santíssima Trindade.

Quem poderá deter esse pensamento e fixá-lo um instante, a fim de que colha por um momento o esplendor da tua sempre imutável eternidade, veja como não se pode estabelecer um confronto com o tempo sempre móvel. Compreenderá então que a duração do tempo só será longa porque composta de muitos movimentos passageiros que não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade nada passa, tudo é presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que passado e futuro tem origem e existência naquele que é sempre presente (AGOSTINHO, 2016, p. 336).

Para Santo Agostinho, Deus criou o mundo do nada. Juntamente com o mundo Deus criou o Tempo. Este tema do Tempo foi fundamentado por Platão no *Timeu*. Para Agostinho (2016, p. 336), “antes do mundo não havia um antes temporal”, porque não havia tempo. Por isso, quando questionamos o que existia antes de Deus criar o mundo, podemos responder que nada, porque não existia o fator tempo, então não fazem sentido as palavras antes e depois, da forma com que as utilizamos hoje.

Escreve o santo em relação ao tempo: “tu precedes todo passado no excesso de tua eternidade sempre presente e transcendente todo futuro, porque é futuro e, uma vez chegando, torna-se passado, ao passo que tu és sempre o mesmo e teus anos nunca terão fim” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 454). Tempo e eternidade são duas coisas distintas, são duas magnitudes incontáveis, incalculáveis. O tempo começou com a criação. A existência do tempo foi estabelecida por Deus, que é seu único autor e quem tem poder sobre o mesmo. “De fato, tu que criastes o próprio tempo, ele não podia decorrer antes de o criares” (AGOSTINHO, 2016, p. 337). “Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (AGOSTINHO, 2016, p. 336). Santo Agostinho nos quer dizer que a eternidade é uma magnitude impossível de ser pensada pelos homens de mente limitada, já que a eternidade, como nos fala o santo, não muda, não varia, a mesma é imóvel.

“Não houve, portanto, um tempo em que nada fizestes, porque o próprio tempo foi feito por ti. E não há um tempo eterno contigo, porque tu és estável, e se o tempo fosse estável não seria tempo” (AGOSTINHO, 2016, p. 338). Podemos dizer que o santo consegue sua

maior conquista, pois daqui em diante se tem um novo conceito de tempo e eternidade (ARAUJO, 2015). O tempo faz parte de uma categoria dentro da criação e está diretamente ligado ao movimento e não movimento antes do tempo.

O tempo é concebido de um foi que já não é. É um agora, que não é o agora e não se pode deter, pois se pudesse deter não era tempo (ARAUJO, 2015). Seria certo falar que os tempos são três: presente dos fatos passados, presente dos fatos presentes e presente dos fatos futuros, que só estão presentes em nossa mente humana pequena e limitada. “O Bispo de Hipona chega ao resultado de que não é apropriado falar em passado, presente e futuro, uma vez que, como referimos acima, passado e futuro somente existe quando são presentes” (COSTA; PICHLER, 2016, p. 111).

O tempo está dividido, portanto, em três etapas: presente dos fatos passados, presente dos fatos presentes e presente dos fatos futuros. O santo destaca que o tempo existe no espírito do homem, que é um ser imperfeito. No espírito do homem estão presentes três estados: presente (intuição), futuro (espera) e passado (memória), criados pelo Ser que é Deus, que é atemporal, já que para ele não existe a noção do tempo, para ele vários anos podem ser como um dia (REALE; ANTISERI, 1990, p. 454).

Essa noção de tempo está muito ligada à nossa condição limitada, finita do ser humano, sujeito ao tempo e ao espaço e sempre ligado às coisas terrenas, mais ligado à memória, à intuição e à espera. Nós sempre estamos sujeitos a essas dimensões: presente, passado e futuro. Santo Agostinho afirma: “criaste todos os tempos e existem antes de todos os tempos. E não existia tempo quando não havia tempo” (2016, p. 338).

## **2.1 A criação *ex nihilo***

“Certamente estão ainda mergulhados na cegueira do velho homem aqueles que dizem: que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? E acrescentam: se estava ocioso e nada realizava, por que não ficou sempre assim, continuando abstrair-se do trabalho?” (AGOSTINHO, 2016, p. 335). Santo Agostinho encontrou polêmica numa pergunta maniqueísta: “que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?”. Para Agostinho está muito clara a ideia da criação do mundo e é para ele o resultado da vontade de Deus e a sua vontade é a única causa de todas coisas existentes e faz chamar atenção que a vontade de Deus é maior que os céus e a terra. E não existe nada maior a vontade de Deus pela qual foi feita toda a

criação. Portanto segundo agostinho: “a vontade Deus não é uma criatura; é anterior a toda criatura, pois nada seria criado se antes não existisse a vontade do criador” (AGOSTINHO, 2016, p. 335). O Santo nos aclara que não existe criatura alguma antes da criação do mundo. Deus é atemporal, para ele não existe a temporalidade em que estamos nos encerrados.

“Antes de criar o céu e a terra, Deus não fazia nada. Pois se tivesse feito alguma coisa, o que poderia ser, senão uma criatura. Oxalá pudesse saber tudo o que importa conhecer, como estou certo de que não havia nenhuma criatura antes da primeira criatura” (AGOSTINHO, 2016, p. 337). O Santo é categórico ao falar que nada fazia Deus antes de criar o mundo, já que ele é o dono do tempo e da eternidade.

Cai assim nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnis e loquazes. Suas palavras traziam armadilhas do demônio, numa mistura confusa do teu nome com o de nosso senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo consolador. Pronunciavam continuamente tais nomes, que eram apenas sons e movimentos de lábios, mas seus corações eram vazios da verdade. Repetiam Verdade, Verdade! E me falavam muito dela, mas não a possuíam, pelo contrário, ensinavam falsidade, não só a teu respeito, que és realmente a verdade, mas também sobre a existência do mundo, criatura tua (AGOSTINHO, 2016, p. 68)

Dentro da seita maniqueísta, Santo Agostinho se caracterizou por ser um materialista radical e o conceito que ele tinha de Deus naquele momento vai ser muito diferente ao conceito que ele vai ter depois de sua conversão ao cristianismo. Para o Santo, Deus é uma luz, ou seja, uma substância corporal com muita luz. “Eu pensava, senhor Deus e verdade, que vós fôsseis um corpo brilhante e imenso, e eu uma porção desse corpo” (GILSON, 2010, p. 357) Para ele Deus é essa luz ao qual o ser humano não tem acesso e que transcende todo nosso entendimento.

Santo Agostinho ao falar da criação o faz com muito respeito a Deus, pois como dizíamos anteriormente, Deus vai ser o centro de sua vida depois de sua conversão ao cristianismo e chega a uma conclusão que é também uma verdade de fé. Deus é o criador do céu e da terra, Deus fez todas as coisas.

As ideias cosmológicas de Agostinho nasceram em parte da sua reação contra o dualismo materialista dos maniqueus, e em parte da sua resistência às ideias necessitaristas e imanentistas do neoplatonismo. A estas duas teorias, Agostinho contrapõe a doutrina cristã da criação (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 172). O santo de Hipona critica muitas ideias dos maniqueus nas quais ele percebeu muitos erros e heresias contra a doutrina da Igreja católica e as ideias de Platão em seu “mundo das ideias” que seria o responsável do mundo material que existe hoje.

Olhemos a primeira parte do Credo católico, no qual o tema da criação se faz presente e no qual Santo Agostinho acreditou e defendeu-o sua doutrina da criação. O credo foi fruto de muitos concílios, reuniões da igreja para manter a sua fé diante de tantas heresias que surgiram no início do cristianismo e era a maneira que tinha a Igreja para defender-se de todas essas doutrinas e ideologias.

O símbolo Niceno-Constantinopolitano, o Credo, tem sua origem no primeiro Concílio na cidade de Nicéia, no ano 325, reformulado no Concílio de Constantinopla em 381 contra Arianismo, heresia que negava a divindade de Jesus Cristo. Para os católicos Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, por isso ao falar do Credo dizemos que a doutrina católica em forma de sínteses tudo o que os cristãos creem e o modo da igreja transmitir a sua fé o longo dos séculos.

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso criador do céu e de terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes todos os séculos: Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não criado consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas (PONTIFÍCIO, 2012).

Este credo é base na qual santo Agostinho vai utilizar para sua doutrina da criação do mundo desse único Deus e também trino pelo qual tudo foi criado, as coisas visíveis e também invisíveis, pelo qual todas as criaturas são consubstanciais ao Pai. Credo no qual Agostinho acreditou e os cristãos de seu tempo e de todos os tempos por uma questão fundamental à fé já que é mais difícil alcançar através da racionalidade.

Neste caso esta pequena parte do Credo Niceno-Constantinopolitano nos ajuda a entender esta questão, o “filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes todos os séculos: Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não criado consubstancial ao Pai” (PONTIFÍCIO, 2012).

Para ele é uma doutrina segura e a mesma deve ser defendida quando ele mesmo nos fala “o estudo das criaturas deve ser subordinado ao último fim: o conhecimento e amor de Deus. Quando interrogadas sobre Deus, as criaturas, até as mais humildes, respondem a uma voz: não somos Deus; foi ele quem nos criou; busca-o acima de nós” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 172). Não somos Deus, somos criaturas, como disse o Santo e dentro de cada um de nós vai estar a marca desse Deus que se nos revela através de sua criação, e a criação é o maior presente para todos nós.

Voltando o olhar às realidades empíricas, verificamos que todas são mutáveis: tendem, sem exceção, à degeneração e ao nada. O que prova que não possuem a maneira mais perfeita possível do ser (*non summe sunt*), mas que existem em dependência de uma realidade imutável e perfeitíssima (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 174).

Para o santo, ao falar de Deus nós utilizamos termos que nunca conseguem alcançar a essência de Deus, já que nós utilizamos palavras corporais e espirituais que são termos mutáveis e temporais que em realidade para nossa compressão tão limitada estão certos, mas nunca alcançam a grandeza e perfeito que é Deus. Devemos entender que para as pessoas de fé como Agostinho o conceito de Deus transborda nosso conhecimento humano, mas nessa incompressibilidade nos incita a buscá-lo e descobrir os mistérios desse Deus que também é parte de nossa história.

“Porventura, Senhor, tu que és eterno, já não conheces o que te digo. Não vês no tempo o que se passa no tempo” (AGOSTINHO, 2016, p. 325). Santo Agostinho se preocupou, assim como tantos outros filósofos antigos, com a origem das coisas e do mundo. Podemos afirmar que Platão é um dos filósofos que chega perto da teoria de criação apresentada nos textos bíblicos e de forma especial o livro do *Gênesis*. Platão nos coloca o personagem do Demiurgo com uma proposta limitada tanto acima como abaixo dele, muito distante da criação bíblica.

O conceito de Criação para Santo Agostinho está muito ligado à sua fé. A criação das coisas se dá do nada (*ex nihilo*), ou seja, não da substância de Deus, nem de algo que preexistisse (*ex nihilo suit et subiecti*). Para Agostinho a criação só pode se dar de duas formas distintas: (1) por geração: no caso do Pai e o Filho da Santíssima Trindade, gerado a partir da própria substância do gerador; (2) por criação: quando se cria a partir do nada.

Deus fez as coisas do nada, não da sua substância, mas por seu poder, nem de alguma matéria pertencente a outrem ou anterior às coisas produzidas. As coisas foram feitas de matéria criadas por Deus “*de nihilo enim a te, non de te facta sunt, non de aliqua non tua quae antea fuerit, sed de concreata, id est simul a te creata matéria*” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 174). O bispo de Hipona chama atenção de que criação é fruto do poder de Deus, mas não de sua substância, por isso chega à conclusão de que as criaturas foram feitas do nada.

Continua falando o santo “a criação é um ato da vontade de Deus. Se bem que a razão desse ato criativo seja a bondade divina, ele não é um efeito necessário da bondade. A vontade divina determina-se a si mesma. A criação é, pois, um ato livre de Deus” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 175). Não existe causa para que Deus tomasse a decisão de

fazer a criação, tudo o que foi criado foi fruto da sua vontade e só ele sabe a razão dessa decisão tão grande e importante à causa do ato criativo de Deus.

Deus criou todas as coisas do nada, por um ato de vontade, e consonância com suas ideias. Todas as criaturas trazem esse duplo selo de sua origem. Agostinho frisa expressamente esta disparidade, todos os seres são bons porque criados por Deus, e todos implicam certa imperfeição intrínseca porque feitos do nada (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 176)

Agostinho continua esclarecendo o tema da criação do nada, muito difícil para nós entender esse tema, de certa maneira obscura, já que o Deus apresentado pelo Demiurgo não o mesmo Deus que nos apresenta Agostinho por isso ele face essa distinção que o bons que temos é por causa de Deus, mas somos imperfeitos porque somos feitos do nada.

Santo Agostinho distingue as duas formas, criação e geração. Segundo ele, existe muita diferença entre uma e outra, já que geração pressupõe ser do ser de Deus, de sua mesma natureza, consubstancial ao Pai, criador de todas as coisas, criador do céu e da terra. A teoria das Ideias tem um papel fundamental na criação, já que as mesmas estão muito relacionadas entre si.

O homem, que não é onipotente, a partir de sua substância, gera o filho; como artesão, da madeira tira a arca; pode fabricar um vaso, mas não a prata. Nenhum homem pode fazer coisa alguma a partir do nada, isto é, fazer com que seja o que não é de modo algum. Deus, ao invés, porque é onipotente, a partir da sua substância gerou o Filho, do nada criou o mundo e com a terra plasmou o homem. “Há uma grande diferença entre aquilo que Deus gerou a partir da sua substância e aquilo que fez, não da sua substância, mas do nada; isto é, fez com que recebesse o ser e fosse colocado, entre as coisas que são aquilo que absolutamente não era” (VAZ, 2009, p. 21).

Os maniqueus eram defensores da eternidade do mundo, segundo a doutrina de Mani, Deus é luz, ou seja, uma substância corporal, brilhante e muito tênue. Essa mesma substância, depois de ter resplandecido em Deus, brilha nos astros, luz em nossa alma e luta contra as trevas sobre a terra (GILSON, 2010, p. 357). Mas não como nos é apresentado na Sagrada Escritura pela cultura judaico-cristã, mas para eles de forma panteísta ou materialista.

Santo Agostinho supera todas as concepções da filosofia dos gregos e dos romanos que eram partidários do surgimento do universo de uma matéria pré-existente. São três as grandes teorias sobre a criação do mundo que precederam Agostinho: “(1) idealista: Deus criador das Ideias (Platão);” (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 175) Além de ser expressão da

vontade de e revelação da bondade divina, o ato criativo é também um ato do entendimento e uma revelação da sabedoria de Deus. Antes de serem feitas, as criaturas já existiam ou viviam no entendimento divino sob a forma de ideias. (2) Realista: o mundo em constante movimento, em busca da perfeição. Apresenta Deus como motor imóvel (Aristóteles).

Para os naturalistas o Divino incluía estruturalmente muitos entes. E mesmo vale para Platão. Analogamente para Aristóteles, o motor imóvel é divino, como também são divinas as substâncias supersensíveis e imóveis motrizes dos céus e também é divina alma intelectual dos homens, divino e tudo aquilo que é eterno e incorruptível (REALE; ANTISERI, 1990, p. 187).

(3) “Immanentista: fusão entre o idealismo (Platão) e realismo (Aristóteles)” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 450). Platão defendia inatismo o mundo das ideias já que segundo ele todos nasceram com ideias racionais e inatas, já para Aristóteles as ideias são adquiridas através da experiência.

Para Platão vão existir dois mundos um real e outro das ideias no espírito de Deus. Mas vai existir um ponto de coincidência no referente à vontade de criar o mundo no Deus apresentado por Platão e Deus criador dos céus e da terra apresentado por Santo Agostinho “mas por que o Demiurgo quis gerar o mundo? A resposta do Platão é a seguinte: o artífice divino gerou o mundo por bondade e por amor ao bem. Eis o texto que contém a resposta, considerada, durante séculos, como um dos vértices de pensamentos filosóficos” (REALE ANTISERI, 1990, p. 143). Para Aristóteles esse motor imóvel vai ser a causa absoluta do mundo, ou seja, a força que move todo universo.

Ao afirmar que Deus cria o universo e tudo o que existe, o visível o invisível, ou seja, toda a criação do nada, nos fazemos estas perguntas: por que Deus cria as coisas? Com que objetivo? Santo Agostinho nos ajuda a respondê-las “por que Deus quis criar as coisas”? Se buscarmos uma causa para universo anterior e distinto da vontade de Deus, a questão é inconsciente por que a causa única das coisas é vontade de Deus, que sendo causa de tudo, não tem causa. Buscar a causa da vontade de Deus é, portanto, buscar algo que não existe (GILSON, 2010, p. 359).

O bispo de Hipona nos repete sobre a bondade de Deus, mas nos quer chamar atenção agora de outro tema muito importante e que está relacionada de certo modo com a criação feita por ele mesmo. “E dizia: Eis deus e eis as suas criaturas. Deus e bom, poderosíssimo e imensamente superior a elas. Sendo bom criou coisas boas e assim as envolve e completa. Mas aonde está o mal de onde veio e como conseguiu penetrar? Qual a sua raiz qual a sua semente? Ou talvez não exista? Por que tememos o mal sem motivo algum,

esse temor de um mal, enquanto sem motivo nos perturba o coração e tanto mais grave quando nada há de temer. Portanto, ou o mal que tememos existe, ou próprio fato de temê-lo é um mal (AGOSTINHO, 2016, p. 175).

Mas será que Deus é responsável pela presença do mal na sua criação?

[...] porventura da matéria que ele usou? Haveria nela algo de mal, e Deus, ao dar-lhe forma e ordem, teria deixado algo por transformar em bem? E por que teria procedido dessa maneira? O Onipotente teria sido impotente para convertê-la, de modo que não permanecesse mal nenhum? Enfim, por que empregou essa matéria, ao invés de usar sua onipotência para reduzi-la ao nada? Poderia ela existir contra a vontade dele? E se era eterna, por que a deixo de subsistir nesse estado por um tempo infinito, para só depois decidir fazer uso dela? Ou se a decisão de agir foi repentina, por que sua onipotência não a reduziu ao nada, para que subsistisse apenas ele, verdadeiro, sumo e infinito bem? Ou se não era bom que a bondade deixasse de realizar coisas boas, porque não aniquilou a matéria má reduzindo-a ao nada, estabelecendo outra que fosse boa e com ela criando todas as coisas? Que onipotência era a sua, se não podia criar algo bom sem o auxílio de matéria não criada por ele? (AGOSTINHO, 2016, p. 176).

Santo Agostinho faz várias perguntas sobre Deus, que o inquieta sobre a prova do mal na sua criação. Ele mesmo dá a resposta a todas quando nos diz que Deus é onipotente e poderoso e criou coisas boas. Portanto, em Deus não podemos encontrar outra coisa que não seja o bem, já que ele é o supremo bem. Segundo Agostinho Deus é bom e justo e dizer que a origem do mal não está em Deus se não no homem e seu livre arbítrio, em sua livre escolha e deixando a próprio Deus a um lado da história do homem.

Deus em sua grandeza não admite corruptibilidade, por isso dele não pode sair nada mal para sua criação “De modo algum pode a corrupção afetar a nosso Deus, seja por uma vontade, seja por qualquer necessidade, ou seja, por qualquer acontecimento imprevisto, por que ele é o próprio Deus, e tudo o que quer para si é bem; porém estar sujeito à corrupção não é um bem” (AGOSTINHO, 2016, p. 174).

Escreve Santo Agostinho e nos continua alertando sobre a incorruptibilidade de Deus e a presença do mal. “É o mal cuja origem eu buscava, não é uma substância, por que se fosse uma substância seria um bem. E na verdade, seria uma substância e por isso um bem que de outra forma, não poderia estar sujeito à corrupção. Por isso vi claramente como tu fizeste boas todas as coisas” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 455).

Agostinho continua aprofundando no tema do mal e nos apresenta três níveis onde tal tema pode ser examinado. (1) “Do ponto de vista metafísico ontológico, não existe mal no cosmo, mas apenas graus inferiores de ser em relação a Deus, que dependem da finitude das

coisas criadas e dos diferentes níveis dessa finitude” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 455). Em realidade o santo nos está querendo dizer que encontramos muitas coisas presentes na natureza que poderiam ser vistas como mal no caso de defeitos, a presença de animais selvagens e perigosos, em realidade todos eles são de vital importância para a corrente evolutiva da natureza pensada e desenhada por Deus ser da suprema inteligência. (2) O mal moral é o pecado, que por sua vez depende da má vontade e podemos nos questionar, em que depende a má vontade? Santo Agostinho responde que a má vontade não tem uma causa eficiente, mas, muito mais, uma causa deficiente. “Por sua natureza a vontade deveria tender ao bem supremo. O mal moral, portanto é uma *‘Aversio a Deo’* e uma *‘Conversio ad creaturam’* escreve Santo Agostinho na Cidade de Deus” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 456). Realmente está muito claro, ao falar do mal moral o santo nos alerta que na ausência desse Deus amoroso e todo bondade vamos estar na presença do mal, nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus e ele também nos dotou de duas capacidades, a liberdade e a inteligência e quando nós optamos pela primeira de forma errada estamos na presença do mal, o pecado. Quando estamos falando de liberdade é a própria vontade, mas não no sentido que entendiam os gregos. (3) O mal físico, como as doenças, os sofrimentos, os tormentos do espírito e a morte, tem um significado bem preciso para quem filosofa, na fé é uma consequência do pecado original, ou seja é uma consequência do mal moral. “A corrupção do corpo que pesa sobre alma não é a causa, mas a pena do primeiro pecado: não é a carne corruptível que torna a carne corruptível, na história da salvação, porém tudo isso tem um significado positivo” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 456). Todo mal que existe é consequência desse primeiro momento que no relato bíblico se chama como pecado original onde os primeiros homens se afastaram da vontade Deus, o pecado original como nos disse o Santo é o pecado, a soberba, a grandeza de si mesmo esquecendo-se desse Deus que é todo amor e marcando a toda humanidade através do mesmo pecado original. É através do sofrimento que o cristão encontra a salvação, por isso a doença e mal físico são vias para alcançar a mesma. Depois do pecado original todos precisam da graça divina para apagar esse pecado original que se nos é transmitido de geração a geração através de nossos pais e que somente pode ser apagado através do batismo cristão.

O pensamento agostiniano sobre as relações entre liberdade, vontade, e graça se apresenta da seguinte forma “duas condições são exigidas para fazer o bem, um dom de Deus, que é a graça e o livre arbítrio. Sem o livre arbítrio não haveria problemas, sem graça o livre arbítrio depois do pecado original. Não iria querer o bem ou, se o quisesse, não poderia

realizá-lo. A graça, portanto, não tem o efeito de suprimir a vontade, mas sim de torná-la boa, pois se havia transformado em má (REALE; ANTISERI, 1990, p. 458).

O livre arbítrio está muito relacionado com o mal, já que essa livre escolha de fazer ou não o mal está decididamente em nossas mãos, mas o poder deixar de fazer o mal realmente é o que marca nossa liberdade de filhos de Deus. E não fazendo o mal estaremos mais perto da graça e estando, mais perto da graça estamos mais perto de Cristo que é para todo cristão a salvação, segundo Santo Agostinho.

Outro grande tema que vai desenvolver o Santo é o da Santíssima Trindade, que de certa maneira foi falado ao longo do trabalho, mas este é um dos grandes temas em toda sua filosofia. “O conceito básico” sobre o qual ele sustenta a sua interpretação é a seguinte para falar do inefável, para que de algum modo pudéssemos expressar aquilo de modo algum se pode explicar, os nossos gregos usaram esta expressão uma essência três substâncias, já os latinos disseram uma essência ou substância, três pessoas, porque (...), em latim, essência e substância são consideradas sinônimos. Essa igualdade de substância faz como que não se possa considerar o Pai como Deus por excelência, ou seja, como em um sentido privilegiado como consideram muitos gregos” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 447).

Para Santo Agostinho existe uma igualdade de condição para as três pessoas da Santíssima Trindade considerando-os inseparáveis no ser e dizer em sua essência como único Deus que opera de uma maneira inseparavelmente sendo um só Deus, não existe uma hierarquia, nem funções na Santíssima Trindade.

Agostinho realiza a distinção das três pessoas com base no conceito de relação, que se tornou muito célebre. Na Cidade de Deus, ele resume essa sua doutrina das relações dizendo que a natureza do Bem é uma, é idêntica no Pai, no Filho e no Espírito Santo acrescentando o seguinte: “o Espírito Santo é distinto, mas não diverso, porque igualmente simples é igualmente Bem eterno imutável” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 448).

O santo é muito cuidadoso ao falar de um tema de tanta controvérsia no mundo filosófico como é o tema da Santíssima Trindade e ele é muito categórico ao explicar a relação existente entre as pessoas que formam o único Deus, não existe diferença nenhuma nas mesmas e sim a mesma distinção e glória como único Deus.

## **2.2 A relação entre tempo e eternidade**

No livro *As confissões*, Santo Agostinho apresenta uma das mais importantes discussões do mundo filosófico como é o tema tempo e eternidade, o Santo tenta unir o divino

com o humano já que para ele o conceito de eternidade está ligado a Deus e o tempo não, para Agostinho homem está sujeito à temporalidade.

Ao tempo, como ordem mensurável do movimento, vincula-se, na Grécia, o conceito cíclico da vida humana e do mundo e, modernamente, o conceito científico do tempo. A concepção aristotélica é a expressão antiga mais perfeita dessa concepção: “o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois” (SÁ, 2011, p. 102). Senão um instante indivisível ao qual denominamos presente.

O tempo é uma magnitude vinculada à duração de fatos que também determina os períodos e épocas entre outras coisas. Para os gregos antigos o tempo estava muito relacionado com atividades cotidianas como para nós hoje, na atualidade, mas o relacionavam também com acontecimentos nefastos e bons que ocorriam na vida dos seres humanos da época. No poema de Hesíodo, a Teogonia, a concepção temporal não se expressa segundo o princípio cronológico do antes-e-depois, mas segundo o princípio crato-onto-lógico da força do ser. Os deuses não se sucedem cronologicamente. Cada divindade é uma força do ser (SÁ, 2011, p. 102). Na antiguidade o tempo era relacionado com os Deuses principalmente na antiga Grécia origem do cosmos e também dos heróis na mitologia grega.

Ao falar do tempo como é visto pelo Santo de Hipona o mesmo é criado por Deus, portanto não podemos colocar o tempo antes da criação já que estaríamos colocando a Deus uma condição a qual ele não pertence que é termo temporal e Deus é não está sujeito ao mesmo, e na eternidade não existe o conceito do tempo, e criação já que Deus é eterno. Para o Santo o tempo está sujeito a mudanças, já que como antes falávamos é uma criatura e a mutabilidade é essência de toda criatura, na eternidade não existe mudança alguma.

O primeiro problema a ser resolvido é relativo ao momento da criação. A escritura declara: “*In principio creavit Deus coelum et terram*” (Gn 1, 1). É possível haver muitas maneiras de compreender o sentido de “*in principio*”, mas, qualquer que seja a interpretação à qual nos atenhamos, pelo menos é evidente que a escritura se refere com isso a um começo a todas criaturas (GILSON, 2010, p. 360). Ao referir-se ao termo princípio o santo nos está alertando de que existe um começo das coisas e de que o tempo é também criatura de Deus e como criatura de Deus é finita, isto é, o tempo nem as coisas são eternas.

Uma vez que não há qualquer razão para afirmar que universo sempre tenha existido, não resta dúvidas quanto à verdade de seu começo no tempo. Mas é preciso ir mais longe. Supondo que o mundo tenha sempre existido, não se tem, por isso, o direito de considerá-lo como uma criatura coeterna com Deus (GILSON, 2010, p. 364). Realmente o título de eterno

é só de Deus e Agostinho o ressalta muitas vezes em seus escritos, o tempo ao ser criatura não tem essa condição de eternidade.

Para descobrirmos o sofisma latente numa metáfora desse gênero, admitamos que o mundo tenha perpetuamente existido no passado: evidente que, então o tempo teria perpetuamente existido, mas disso não se seguiria que o mundo seria eterno, pois um tempo perpétuo não é a eternidade (GILSON, 2010, p. 365). Agostinho nos tenta aclarar o tema do tempo e eternidade é muito claro afirmando que o tempo não é eterno.

Do mesmo modo, no que concerne ao mundo, pode-se admitir, que Deus sempre tenha existido e que sempre tenha criado o mundo, de sorte que a criação teria um princípio na ordem do ser sem tê-lo na ordem do tempo, ela seria uma criatura eterna (GILSON, 2010, p. 364). São muitas as hipóteses para chegar a uma só conclusão: o tempo, segundo Agostinho não é eterno, já que ao sê-lo compartilharia o ser eterno como é Deus em sua essência.

A dificuldade não está somente em a eternidade nos escapar, o tempo, que nos domina, permanece uma realidade misteriosa para nós: toda a sua substância refere-se ao instante indivisível que é o presente (GILSON, 2010, p. 366). O tempo está sujeito ao presente por isso não se considera eterno, faltariam outros instantes como futuro e passado.

Ao falar do tema tempo. Ora bem, recorda o mesmo medievalista francês, que “(...) o tempo é mudança por definição”. Logo, “(...) ele também é uma criatura”. Portanto, o próprio tempo se inclui dentro do bojo daquelas coisas que tiveram um começo, ou seja, um princípio. Por conseguinte, o tempo, como todas as criaturas, não é eterno: “houve, portanto, um começo e, por consequência, nem as coisas que duram nem o tempo são eternos” (VAZ, 2009, p. 23).

Para o Santo, depois de sua conversão ao cristianismo não existe autor maior que o senhor que fez os céus e a terra, para ele não existe dúvida alguma que foi sempre por vontade de Deus na criação do mundo. E o tempo também é parte da mesma criação. Logo o mundo teve um começo, não é, nem pode ser eterno. Agostinho admite esta verdade baseado na revelação. Todavia o grande Doutor da igreja, perfeitamente consciente da complexidade do problema, abstém-se de fazer afirmações precipitadas. Condena decididamente os que negam a criação do mundo (*Nimis aversisunt a veritates et letalimorbo impietatis insaniunt*); de outro lado, mostra-se compreensivo para os que creem ser ele criado, mas coeterno com Deus (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 176).

O mundo não é eterno, ele se baseia na sagrada escritura ao falar deste tema tão delicado e que tem tantas controvérsias com os maniqueístas para o santo compreende aquilo que falam da co-eternidade da criação já que segundo ele eram de boa-fé. Para Santo

Agostinho, existe uma relação muito forte entre a doutrina criacionista feita por Deus e a preexistência da alma.

Os maniqueus também poderiam perguntar por que Deus criou o mundo em tal lugar do espaço e não em outro, pois a imaginação pode ser livre passagem a si mesma tanto em um caso como em outro (GILSON, 2010, p. 361). Agostinho volta a falar dos maniqueus de sua fala do que Deus fazia antes da criação do mundo e ele é muito categórico ao falar que nada. Aclara respondendo a esta segunda pergunta que a criação não há espaço real fora de Deus, tampouco existia um antes e depois da criação do mundo.

Sendo Deus eterno, ou seja, transcendente ao tempo, e a nós outros temporais, é-nos impossível resolver o problema das relações entre o tempo e a eternidade (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 176). Agostinho refere-se a Deus como aquele que está acima de todas as coisas, inclusive do tempo. Para Deus não existe essa magnitude ao qual nós como humanos estamos sujeitos, porque ele está fora do tempo.

Certos filósofos platônicos procedem de maneira leviana e precipitada na solução desse problema: a fim de tornar compreensível a criação do mundo, ex-cogitaram a famosa analogia do vestígio impresso *ab aeterno* na areia. Sendo causado pelo pé, o vestígio permanece impresso na areia, enquanto o pé repousa nela a causa e o efeito coincidem no tempo. O mesmo sucederia com a criação do mundo. Deus sempre existiu e criou o mundo desde sempre, mas de tal maneira que teve um começo ou princípio na ordem ontológica, não porém na ordem temporal. Em outros termos, o mundo seria uma criatura eterna (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 177).

Segundo o Santo, este ponto de vista é falso já que o mesmo vai contra a criação bíblica e coloca ao tempo como eterno e somente Deus é eterno. Ao estudar o tempo nos damos conta que o mesmo está parcelado em presente, passado e futuro, isto é, três dimensões que para o Santo se reduzem a uma só: o presente, em cuja lembrança o passado ainda vive e cuja expectativa já vive o futuro. Ao falar que o tempo é dividido apreciamos que ele não consegue ser eterno já que na eternidade tudo permanece imóvel.

Em si mesmo, o tempo sempre será algo enigmático para nós. Toda substância se reduz ao instante indivisível, ao presente. Mas o que é indivisível. Não pode ser mais longo ou mais breve. Como podemos, então, falar num tempo mais longo ou mais breve? (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 177).

Quem poderá deter esse pensamento e fixá-lo um instante, a fim de que colha por um momento o esplendor da tua sempre imutável eternidade, veja como não se pode

estabelecer um confronto com o tempo sempre móvel. Compreenderá então que a duração do tempo só será longa porque composta de muitos movimentos passageiros que não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade nada passa, tudo é presente. Verá então que o passado é compelido pelo futuro, que o futuro nasce do passado, que passado e futuro tem origem e existência naquele que é sempre presente (AGOSTINHO, 2016, p. 336).

Para Santo Agostinho, Deus criou o mundo do nada. Juntamente com o mundo Deus criou o Tempo. Este tema do Tempo foi fundamentado por Platão no *Timeu*. Para Agostinho (2016, p. 336), “antes do mundo não havia um antes temporal”, porque não havia tempo. Por isso, quando questionamos o que existia antes de Deus criar o mundo, podemos responder que nada, porque não existia o fator tempo, então não fazem sentido as palavras antes e depois, da forma com que as utilizamos hoje. Escreve o santo em relação ao tempo: “tu precedes todo passado no excesso de tua eternidade sempre presente e transcendente todo futuro, porque é futuro e, uma vez chegando, torna-se passado, ao passo que tu és sempre o mesmo e teus anos nunca terão fim” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 454).

Tempo e eternidade são duas coisas distintas, são duas magnitudes incontáveis, incalculáveis. O tempo começou com a criação. A existência do tempo foi estabelecida por Deus, que é seu único autor e quem tem poder sobre o mesmo. “De fato, tu que criastes o próprio tempo, ele não podia decorrer antes de o criares” (AGOSTINHO, 2016, p. 337).

“Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (AGOSTINHO, 2016, p. 336). Santo Agostinho nos quer dizer que a eternidade é uma magnitude impossível de ser pensada pelos homens de mente limitada, já que a eternidade, como nos fala o Santo, não muda, não varia, a mesma é imóvel.

“Não houve, portanto, um tempo em que nada fizestes, porque o próprio tempo foi feito por ti. E não há um tempo eterno contigo, porque tu és estável, e se o tempo fosse estável não seria tempo” (AGOSTINHO, 2016, p. 338). Podemos dizer que o santo consegue sua maior conquista, pois daqui em diante se tem um novo conceito de tempo e eternidade (ARAUJO, 2015). O tempo faz parte de uma categoria dentro da criação e está diretamente ligado ao movimento e não movimento antes do tempo.

O tempo é concebido de um foi que já não é. É um agora, que não é o agora e não se pode deter, pois se pudesse deter não era tempo (ARAUJO, 2015). Seria certo falar que os tempos são três: presente dos fatos passados, presente dos fatos presentes e presente dos fatos futuros, que só estão presentes em nossa mente humana pequena e limitada. “O Bispo de Hipona chega ao resultado de que não é apropriado falar em passado, presente e futuro, uma

vez que, como referimos acima, passado e futuro somente existe quando são presentes” (COSTA; PICHLER, 2016, p. 111).

O tempo está dividido, portanto, em três etapas: presente dos fatos passados, presente dos fatos presentes e presente dos fatos futuros. O santo destaca que o tempo existe no espírito do homem, que é um ser imperfeito. No espírito do homem estão presentes três estados: presente (intuição), futuro (espera) e passado (memória), criados pelo Ser que é Deus, que é atemporal, já que para ele não existe a noção do tempo, para ele vários anos podem ser como um dia (REALE; ANTISERI, 1990, p. 454).

Essa noção de tempo está muito ligada à nossa condição limitada, finita do ser humano, sujeito ao tempo e ao espaço e sempre ligado às coisas terrenas, mais ligadas à memória, à intuição e à espera. Nós sempre estamos sujeitos a essas dimensões: presente, passado e futuro. Santo Agostinho afirma: “criaste todos os tempos e existem antes de todos os tempos. E não existia tempo quando não havia tempo” (2016, p. 338).

Santo Agostinho nos continua falando sobre o tempo assim, embora tenha uma relação com o movimento, o tempo não está em movimento e nas coisas de movimento, mas sim na alma. Mais precisamente conforme se revela estruturalmente ligado à memória, à intuição e à espera, ele pertence à alma, sendo predominante uma extensão da alma, precisamente uma extensão entre memória, intuição e espera (REALE; ANTISERI, 1990, p. 454).

Agostinho aclara que no tempo não existe movimento, já que muitos pensadores da antiguidade o identificam com o movimento procurando uma solução para este problema e criando um problema muito maior. Para solucionar essas dificuldades decorrentes do problema das relações entre o permanente e o transitório, Agostinho recorre à distinção da alma (*distentio animi*) (BOEHNER, GILSON, 2012, p. 177). Como antes falávamos, o Santo faz essa distinção para ligar o tempo à alma possibilitando sua medição e duração.

Esta distinção da alma possibilita a coexistência do futuro, do pretérito e do presente, também perceber e medir a duração. Tomando-se o tempo em si mesmo, é impossível medi-lo, pois só se medem os tempos passados, que já não existem. A questão toma um aspecto diferente quando se atende à maneira em que o tempo é percebido pela alma (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 177).

Quando o santo se refere ao tempo relacionado com a alma, o tempo nada mais é do que uma distinção ligada à alma para poder permitir a coexistência de suas três divisões presente, passado e futuro que permite ao tempo ser medido.

Com efeito, conforme já dissemos tomado em si mesmo e fora da alma, o tempo se resume a um instante indivisível, que chamamos presente e que não pode ser medido. O futuro, tampouco está sujeito a ser medido, se o considerarmos alheio à alma, porquanto simplesmente ainda não existe. E o passado, finalmente, também não está sujeito a nenhuma medida, ao menos se o considerarmos enquanto tal, já que em si mesmo nem sequer existe mais (VAZ, 2009, p. 30).

Santo Agostinho ao falar da existência da alma no homem e que a mesma seria a maneira de estar presente no tempo, no passado e no futuro também, a alma capacita o homem dessa capacidade de poder participar de sua história pessoal e porque não também a história de toda humanidade.

Mas como é que diminui e se consome o futuro que ainda não existe? Ou ainda como é que cresce o passado, que já não existe, a não ser pela existência dos três momentos no espírito que os realiza: expectativa, atenção e lembrança? Desse modo, aquilo que alma espera torna-se lembrança depois de ser objeto de atenção. Quem se atreve a negar que o futuro ainda não existe? No entanto, já existe no espírito a expectativa do futuro (AGOSTINHO, 2016, p. 355).

Se estou para recitar uma canção que conheço, antes de começar, já minha expectativa se estende a toda ela. Mas assim que começo, tudo o que vou destacando e entregando ao passado vai se estendendo ao longo da memória. Assim a minha atividade volta-se à lembrança da parte já citada e para expectativa da parte ainda a recitar; minha atenção, porém está presente: por seu intermédio, o futuro torna-se passado. É quanto mais avança o ato tanto mais se abrevia a espera e se prolonga a lembrança, até que esta fica totalmente consumida, quando o ato, totalmente acabado, passa inteiramente para o domínio da memória (AGOSTINHO, 2016, p. 355).

Com este pequeno fragmento de sua obra magistral que é *Confissões*, Santo Agostinho convida a homem a exaltar e reconhecer a beleza da vida, da história, a música contida no poema, as coisas da vida que só podem ser percebidas através da alma que fomos todos dotados para interagir de certo modo no tempo. Ora, o que acontece com o cântico todo sucede também para cada umas das partes e de suas sílabas, acontece também a um ato mais longo, do qual faz parte, por exemplo, o cântico, e em toda vida do homem, da qual todas as ações humanas são partes. Isso mesmo sucede em toda história dos filhos dos homens, da qual a vida de cada homem é apenas uma parte (AGOSTINHO, 2016, p. 355).

O movimento corporal consiste na passagem de um ponto do espaço a outro, mas esta mudança local é sempre a mesma, indo respectivamente à duração mais ou menos

exatamente o tempo de repouso. Logo o tempo que mede o movimento, e o movimento que mede o tempo, são duas coisas diferentes. Com que meço, então o tempo? (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 177). Quando estamos falando do tempo em si fora da alma o mesmo se resume em um pequeno instante que não conseguimos medir já que seria o presente e fora da alma não existe e a si sucessivamente as outras categorias do tempo passado e futuro tudo isto fora da alma.

No entanto, costumamos dizer que um tempo é longo e outro é breve, referindo-nos somente ao passado e ao futuro. Por exemplo, cem anos passados, cem anos a vir é um tempo longo, enquanto dez dias passados ou dez dias a vir são breves (AGOSTINHO, 2016, p. 339). Santo Agostinho continua falando do tempo, mas sempre entendê-lo desde a perspectiva da alma já que através da mesma é que vamos conseguir entender o futuro através da espera e o passado através da lembrança.

Eu disse há pouco que medimos o tempo que passa, de modo que podemos afirmar que este tempo é o dobro daquele que é simples, ou dura tanto este quanto aquele; ou também podemos indicar qualquer outra relação entre intervalos de tempo. Como dizíamos, medimos o tempo no momento em que este passa. E se alguém me perguntar: como sabes? Responderei: sei disso porque o medimos, e não se pode medir o que não existe (AGOSTINHO, 2016, p. 345). O Bispo de Hipona é muito claro ao falar que não se pode medir o que não existe. Ao querer separar o tempo da alma, nela sim podemos reunir uma certa unidade de acontecimentos que acontecem em nossas vidas e que podem ser relembrados e atualizados sendo uma de coexistir no tempo.

Ouvi um homem instruído dizer que o tempo nada mais é que o movimento do sol, da lua e das estrelas. Mas eu não concordei. Antes, por que não seria o movimento de todos os corpos? Se os astros parassem e a roda do oleiro continuasse a mover-se, deixaria de existir o tempo para medirmos as voltas dela? Acaso não poderíamos dizer que essas voltas se realizavam em espaços iguais, ou que uns são mais longos, outros mais curtos se a roda algumas vezes se move mais devagar, outras vezes mais depressa? E dizendo isso, não falamos também no tempo, e não há em nossas palavras algumas sílabas longas e outras breves, pelo fato de umas ressoarem durante mais tempo e outras durante menos tempo? (AGOSTINHO, 2016, p. 347).

O Santo nos quer chamar atenção ao colocar tantas comparações com o tempo primeiramente com os astros e seus movimentos comparando o tempo com os diferentes tipos de movimentos como são o caso da roda do oleiro, chegaria à conclusão que o tempo pode ser medido, isto é medir o tempo por tempo também em realidade estamos confundindo o tempo com movimento.

Mas porque a tua misericórdia é melhor que todas as vidas, a minha vida nada mais é que uma distensão e a tua destra me sustentou no meu senhor, o filho do homem, mediador entre ti, que és único, e nós, que somos muitos e que vivemos divididos por paixões diversas e objetos vários (AGOSTINHO, 2016, p. 356).

O bispo de Hipona está preocupado com as coisas de Deus e não as coisas dos homens que em realidade são passageiras e não conduzem a nenhum lugar.

Continua falando Agostinho,

voltando para o que é eterno, poderei caminhar para o prêmio da vocação do alto, não na distensão, mas com desejo pleno; lá ouvirei o cântico de teus louvores e contemplarei a tua beleza que não tem começo nem fim. Agora, porém, transcorrem os meus anos em lamentos. E tu, Senhor, meu pai eterno, tu és o meu conforto. Mas eu me dispersei nos tempos, cuja ordem ignoro, e meus pensamentos, vísceras da minha alma são dilacerados, por tumultuosas vicissitudes, até que eu purificado pelo fogo do teu amor mergulho em ti (AGOSTINHO, 2016, p. 356).

Realmente, Santo Agostinho depois de seu encontro com Deus, sua conversão ao cristianismo não tem outra coisa mais importante que esse encontro definitivo com Deus que para ele vai ser todo e que não vai encontrar palavras para poder falar dele, para encontrar-se com ele definitivamente para poder contemplar e louvar a beleza de Deus, que não tem tempo.

Longe de mim a ideia de que tu, criador do universo, criador das almas e dos corpos, conheças do mesmo modo grosseiro o futuro e o passado! És bem mais maravilhoso, bem mais misterioso! Porque aquele que canta ou escuta um canto conhecido passa por estados diversos de sentimentos e é dividido entre a expectativa dos sons que ainda vem e a lembrança dos sons passados (AGOSTINHO, 2016, p. 358).

O Santo continua louvando a esse Deus criador de todas as coisas que também se faz presente na vida dos homens através da Santíssima Trindade, que nós percebemos como nos fala Santo Agostinho no tempo.

Agostinho termina este capítulo XI dizendo que nada de semelhante acontece contigo, a ti que és imutavelmente eterno, verdadeiramente criador eterno das almas. Como conhecestes no princípio o céu e a terra, sem modificação no teu conhecimento, do mesmo modo criaste no princípio o céu e a terra, sem que se modificasse a tua ação (AGOSTINHO, 2016, p. 358).

Para o Santo existe uma certeza absoluta da grandeza de Deus, de seu sentido de eternidade, de sua criação, de sua imutabilidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Santo Agostinho o conceito de criação do mundo está muito ligado à sua fé. A criação das coisas se dá do nada (*ex nihilo*). Ele responde à pergunta dos maniqueístas: “o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?”. Para ele, a criação é resultado da vontade de Deus e responde de forma categórica que Deus nada fazia antes de criar o mundo. Para o Bispo de Hipona, o tempo começou com a criação. Para ele, tempo e eternidade são duas coisas distintas, são duas magnitudes incontáveis, incalculáveis. O tempo começou com a criação, na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente.

Os tempos são três: presente dos fatos passados, presente dos fatos presentes, presente dos fatos futuros, sempre relacionados, respectivamente, à memória, à intuição e à espera. Para o santo o tempo é um enigma, ele nos explica que para nossa pequena capacidade é muito difícil de entender a presença de Deus, vai ser de grande importância para a filosofia que ele vai desenvolver depois de sua conversão ao cristianismo.

Agostinho vai ser uma das grandes figuras da patrística dentro da Igreja Católica que estava naqueles momentos nos inícios. Sua vida e obra influenciada pelo neoplatonismo vai ser de vital importância para a luta dos primeiros séculos do cristianismo contra as diferentes heresias que apareceram nessa etapa que divergiam da doutrina cristã.

Santo Agostinho apresenta para todos nós um novo conceito do tempo que de certo modo vai revolucionar o mundo filosófico existente até esse momento, já que para muitos filósofos da antiguidade o tempo estava relacionado com o movimento e o Santo de Hipona vai revolucionar a história da filosofia e nos apresenta este novo conceito de tempo ligado à memória, a intuição e espera e, vincula o tempo com a alma.

Terminando este trabalho podemos chegar a conclusão que não se pode falar de tempo sem antes consultar o conceito de Agostinho em sua grande obra *Confissões* e especificamente no capítulo XI. Agostinho, de certa maneira, pensa sobre o tema tempo conversando, rezando com Deus e chegando à conclusão de que todos nós estamos imersos na temporalidade e que o único que nos pode dar uma resposta clara e convincente em relação a este tema é Deus, que é atemporal, ou seja, está fora da temporalidade.

O santo continua refletindo sobre este tema e continua demonstrando que os tempos que nós conhecemos presente, passado e futuro não existem para todos nós, porque no mundo só existe a instantaneidade, o tempo real. A temporalidade do mundo é a temporalidade da alma, regido por uma lógica que não é a do mundo mas é uma lógica que nos é absolutamente

própria, no tempo da alma as coisas duram o contrário do tempo cronológico, em que tudo passa rápido. A discussão que Santo Agostinho fez naquele momento serve também para compreender o homem contemporâneo que vive a concepção do tempo. Ao falar do tempo nós poderíamos fazer várias perguntas sobre este importante tema para a sociedade atual que está regida pelo tempo. Que importância tem o tempo para nós? Que importância tem a relação tempo e eternidade para a sociedade moderna? Em realidade, que é o tempo?

## Referências

### Referência básica

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Tradução de Maria Luísa Jardim Amarante; revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulus, 2016.

### Referências complementares

ARAÚJO, F. de. *Agostinho, tempo e memória*. Revista Pandora, n. 63, fev. 2015.

BOEHNER, P.; GILSON, É. *História da filosofia cristã*. Tradução de Raimundo Vier. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BROWN, P. R. L. *Santo Agostinho, uma biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COSTA, F.; PICHLER, N. O tempo no Livro XI das Confissões de Santo Agostinho. *Revista Filosofazer*. Passo Fundo, n. 48, p. 107-116, jan./jun. 2016.

GILSON, É.. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2 ed. São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2010.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Credo Niceno-Constantinopolitano*. Disponível em: <http://www.annusfidei.va/content/novaevangelizatio/pt/annus-fidei/professione-di-fede.html>. Acesso em: 01 dez. 2021.

POSSÍDIO. *Vida de Santo Agostinho*. Tradução Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: Antiguidade e idade média*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1.

SÁ, O. de. *Que é, pois, o tempo? (Santo Agostinho)*. Kaliopé, São Paulo, ano 7, n. 14, p. 100-107, jul./dez. 2011.

VAZ, A. T. A visão de Santo Agostinho sobre o tempo. Monografia apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.